

EDUCAÇÃO ESPECIAL PARA DEFICIENTES VISUAIS: RECURSOS ÁUDIO-TÁTEIS E DIFERENTES PAISAGENS GEOGRÁFICAS, INSTITUTO HÉLIO GÓES MUNICÍPIO DE FORTALEZA-CE.

Fernando César Rocha Lira Júnior ¹, Fabrício Ricarte Magalhães ²
Universidade Federal do Ceará
fernandobodo@gmail.com ¹, fabricio_ricarte@hotmail.com ²

Introdução

No Brasil, a educação especial voltada para deficientes visuais, tem seu marco inicial em 1854 quando Dom Pedro II baixou o Decreto Imperial nº 1.428 criando o Imperial Instituto de Meninos Cegos. Desde então surgiram outras instituições com o intuito de atender a esse tipo de modalidade. Como é o caso do Instituto Hélio Góes, criado em 1942, que faz parte do setor assistencialista da Sociedade de Assistência aos Cegos (S.A.C.). Na escola, esse setor educa e socializa alunos cegos e de visão subnormal. Além da assistência social, a instituição profissionaliza e proporciona a conquista da cidadania para deficientes visuais abrindo-lhes as portas para o mercado de trabalho. O instituto, na área do ensino, conta com turmas do Infantil ao Fundamental II, além de turmas de reabilitação que tratam jovens e adultos.

Dentro da proposta do Estágio Curricular Supervisionado II do curso de Geografia/Licenciatura da Universidade Federal do Ceará, passamos a acompanhar as aulas de Geografia da turma do nono ano do Ensino Fundamental II no Instituto Hélio Góes, para compreender como se dava o ensino de Geografia para deficientes visuais. Constatamos problemáticas com relação à prática de ensino, tendo em sua maioria aulas de caráter expositivo, não levando em conta as especificidades da modalidade, em vista às necessidades especiais dos alunos como *Brailles*, visão Subnormal e visão normal. As “[...] necessidades decorrentes de limitações visuais não devem ser ignoradas, negligenciadas ou confundidas com concessões ou necessidades fictícias” (CAMPOS et al., 2007, p. 13). Com essa diversidade, foi proposta uma intervenção pontual para aperfeiçoar o ensino em Geografia, com o objetivo de dar caráter mais dinâmico às aulas, tornando a disciplina mais

interessante e atrativa para os deficientes visuais. Utilizando-se de recursos áudio-táteis para compor a aula sobre diferentes paisagens geográficas.

Metodologia

Foram feitas oito visitas de duas horas cada, distribuídas em um período de quatro meses (mar-jun/2014) ao Instituto Hélio Góes. Nas duas primeiras visitas foram feitos registros da estrutura física e pedagógica do Instituto através de anotações na caderneta de campo e fotografias. Os próximos quatro encontros foram assistindo as aulas de Geografia, junto aos alunos e professor, no nono ano para entender de forma prática o ensino da ciência geográfica para essa modalidade. No penúltimo encontro foi aplicado ao professor um questionário contendo perguntas gerais como: “Qual é a sua formação? Onde se formou? Há quanto tempo leciona?”. E perguntas específicas: “Quais as principais dificuldades do ensino de Geografia para deficientes visuais? Quais materiais são usados para suprir as necessidades do ensino para esse tipo de modalidade? Quais as maiores dificuldades dos alunos para com a Geografia?”- Tendo em vista a importância de sondar os principais desafios e dificuldades no ensino de Geografia.

Após o questionário foi feita a proposta de intervenção, executada no último encontro, tendo dois momentos: um teórico e outro prático. O momento teórico teve a duração de trinta minutos, sendo trabalhado com os alunos os conceitos de paisagem natural e cultural (SANTOS, 1996) e a abordagem histórica do termo paisagem (POZO; VIDAL, 2010) de forma expositiva, para que antes do momento prático os alunos tivessem o mínimo de embasamento teórico sobre as diferentes paisagens geográficas e saber diferenciá-las.

Tendo como referência dois trabalhos “GEOGRAFIA ESCOLAR E PAISAGEM SONORA” (MALANSKI, 2011, p. 273) e “O ENSINO DE GEOGRAFIA NA PONTA DOS DEDOS” (CALVENTE; PEDRO, 2011, p. 127) que tratam de formas diferenciadas no ensino de Geografia, com abordagem áudio e tátil. A prática teve uma duração média de quarenta minutos. Onde os alunos teriam que identificar três tipos de paisagens diferentes (Cidade, Floresta e Praia) através da audição e do tato. A dinâmica se deu da seguinte forma: primeiro os alunos de baixa visão e os de visão normal seriam vendados para que eles não pudessem ter nenhum tipo de contato visual com os objetos que seriam tateados. Foi colocado o som ambiente correspondente a cada

paisagem (Cidade, Floresta e Praia. Sons retirados do *Youtube*) um por vez; cada som ficava em média cinco minutos, enquanto eram passados de mão em mão os dois objetos correspondentes ao tipo de paisagem que o som remetia. Após esse período foram retiradas as vendas e dado o tempo que fosse necessário para que os alunos descrevessem, fazendo um pequeno texto, o tipo de paisagem que imaginaram e os elementos que a compunham. No final da dinâmica foi pedido aos alunos lerem, de forma literal, o que eles haviam escrito descrevendo as diferentes paisagens.



(Figura dos objetos usados para diferenciar as paisagens, sentido tátil. Fonte: Autores).

Resultados e Discussão

No tempo que acompanhamos as aulas do nono ano do instituto Hélio Góes, pode-se tirar como resultado, que há existência de escolas especializadas é muito mais rentável para a aprendizagem e convivência dos alunos portadores de algum nível de deficiência visual. O sistema de colaboração existente entre os não deficientes e os deficientes visuais é algo que pode ser observado fora e dentro de sala em que os alunos buscam superar as dificuldades juntos.

Tivemos êxito na atividade proposta, na qual os alunos puderam compreender os aspectos históricos e teóricos dos conceitos de paisagem natural e social, assim como utilizá-los para descrever o que sentiram e imaginaram durante a intervenção valendo-se desses conceitos. Alguns resultados foram surpreendentes como o do aluno “J”; ele definiu todos os tipos de paisagem corretamente e as descreveu com riqueza de detalhes: “Paisagem Natural de Floresta, com árvores de médio e grande porte. Com uma fauna diversificada de pássaros, roedores, reptéis e animais de médio porte que caracterizam esse tipo de paisagem. Onde é importante preservá-la.” (Descrição da paisagem “Floresta”- Aluno “J”, 18 anos, categoria *Braille*).

No geral todos se saíram de bom a ótimo onde todos acertaram o tipo de paisagem com algumas descrições detalhadas, como foi o caso anterior, outras mais simples e diretas. Notamos um equilíbrio no desempenho dos de visão

normal e os deficientes visuais (*Braille* e visão subnormal) ao descreverem os três tipos de paisagens. Evidencia que suas limitações visuais não influem, nesse caso, no seu desempenho cognitivo.

Percebemos que os alunos que enxergam possuem uma descrição mais direta das paisagens submetidas a eles, já os alunos deficientes visuais possuem uma definição mais detalhada que aponta para uma possível tentativa de transpor os limites de sua deficiência através do tato e da audição. Tendo esses dois sentidos como fonte chave para o ensino de Geografia aos alunos deficientes visuais. Através do uso desses sentidos é possível ensinar e demonstrar os mais diferentes conteúdos vinculados à disciplina, onde existem necessidades da elaboração de materiais que trabalhem com a audição e o tato, além dos materiais já produzidos pelos professores que nem sempre são o suficiente e quase nunca são usados.

Assim podemos obter como resultado que o uso de recursos áudio-táteis são essenciais para a inclusão do ensino de deficientes visuais, estimulando o sentido de pertencimento desses alunos como seres geográficos. Além de se tratar de uma abordagem diferenciada da geografia tradicional, tornando-a atrativa para o ensino dessa modalidade.

Conclusão

Ao concluir as observações e a intervenção percebe-se que as dificuldades enfrentadas para um tipo especial de educação são imensas, além de falta de apoio, nesse caso, vimos os problemas com relação ao material didático e a metodologia das aulas. Apesar das dificuldades, os aspectos positivos se sobressaem.

A cooperação é a palavra chave de todo esse processo, a parceria do instituto com as famílias dos alunos e entre os próprios alunos facilita o trabalho de todos. Trata-se de uma iniciativa louvável de profissionais que acreditam, a partir do seu trabalho, podem ajudar e de fato ajudam, deficientes visuais na inclusão social e na construção da cidadania. De acordo com as palavras da Presidente da SAC Maria José Sá e Almeida:

Os ingredientes que usamos para superar todos os obstáculos são partilhar carinho, abrigo, disciplina e uma oportunidade de vida, pois é aqui onde as pessoas encontram sentido para as suas vidas. [...] este é um trabalho feito de coração!!! (Relatório de Atividades SAC, 2012, p. 4).

A audição e o tato foram inseridos como ferramentas-chaves para a execução da intervenção na escola, gerando resultados positivos, nos levando a crer que os materiais didáticos para o ensino de deficientes visuais devem estar diretamente ligados a esses dois sentidos. A criação e a ampliação do uso desses recursos, gerando novos materiais que possibilitem e facilitem o ensino, não só de Geografia, mas de qualquer outra disciplina. Assim, trabalhar com os dois sentidos básicos que os deficientes visuais se utilizam, em sua maioria, como ferramentas de aproximação e apreensão do mundo ao seu redor.

Referências

CALVENTE, Maria del Carmen Matilde Huertas; PEDRO, Francielle Tacon. **O ENSINO DE GEOGRAFIA NA PONTA DOS DEDOS**. 2011. Disponível em: <http://www.fecilcam.br/revista/index.php/geomae/article/viewFile/39/pdf_23>. Acesso em: 09 ago. 2014.

CAMPOS, Izilda Maria de; SÁ, Elizabet Dias de; SILVA, Myriam Beatriz Campolina. **Atendimento Educacional Especializado: deficiência visual**. 2007. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/ae_e_dv.pdf>. Acesso em: 27 maio 2014.

LIRA JÚNIOR, F. C. R.; MAGALHÃES, F. R. **Relatório de Estágio Curricular Supervisionado II em Geografia Licenciatura**: Instituto Hélio Góes. Fortaleza: 2014.

MALANSKI, Lawrence Mayer. **GEOGRAFIA ESCOLAR E PAISAGEM SONORA: SCHOOL GEOGRAPHY AND SOUNDSCAPE**. Curitiba: Raega, 2011. p. 273.

POZZO, Renata Rogowski; VIDAL, Leandro Moraes. **O CONCEITO GEOGRÁFICO DE PAISAGEM E AS REPRESENTAÇÕES SOBRE A ILHA DE SANTA CATARINA FEITAS POR VIAJANTES DO SÉCULO XVIII E XIX**. Revista Discente Expressões Geográficas, nº 06, ano VI, p. 111–131. Florianópolis: 2010.

SAC, Sociedade de Assistência aos Cegos. **Relatório de Atividades 2012**. Fortaleza: 2012.

SANTOS, Milton. **Metamorfose do Espaço Habitado**. São Paulo: Hucitec, 1996.